

ESCLARECIMENTOS:

Pais: Djayr Gonçalves Valença
Doralice Freire Valença

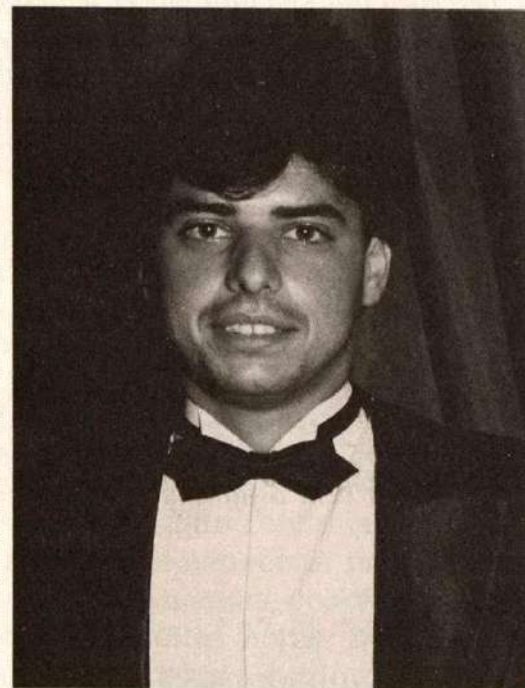
Endereço:.... Rua Nascimento Silva, 7 - Apto. 508
Ipanema - Rio de Janeiro - RJ

Avó: Maria Purificação da Silva Freire
Materna - desencarnada em 24.4.88

Tio: Moacyr Freire - Tio materno

MENSAGEM

*E com a proteção dos amigos que me assistem,
venho dizer-lhes que estou quase bem
e estarei bem quando as saudades não me oprimirem
o íntimo com tanta força.*



ADELMO FRANCO THOMÉ
Nascimento: 15 de janeiro de 1962
Desencarnação: 02 de fevereiro de 1989

Adelmo Franco Thomé, jovem engenheiro civil, formado pela Universidade de Santa Cecília, na cidade de Santos - São Paulo, quando retornava com sua noiva Mary da cidade de Campos de Jordão, onde foi visitar uma obra civil de sua responsabilidade, viajando pela auto-estrada Quiririm, Via sem grande movimentação, inesperadamente, percebeu que seu automóvel se desgovernou provocado por uma derrapagem. Adelmo tentou em vão controlar o veículo. Mary, percebendo o que estava acontecendo gritou quando, renteando o acostamento, o veículo lançou-se ribanceira abaixo, em várias capotagens.

Sem maiores explicações, ela sustentou-se no interior do veículo saindo ilesa do acidente.

Adelmo, lançado fora, teve ferimentos que lhe provocaram fortes hemorragias.

Socorrido pela Guarda Rodoviária e com o auxílio de Mary, foi levado às pressas ao Hospital das Clínicas de Taubaté, vindo a desencarnar, segundos após sua entrada a esse Pronto Socorro. Fato que este jovem engenheiro explica muito bem à família em sua mensagem esclarecedora.

Querido Papai Adelmo e querida Mãezinha Ite, Deus nos proteja e abençoe.

Aqui estamos nós para alguma notícia. Uma consoladora surpresa, vê-los com a nossa Adilene e com as lembranças mais queridas. Entendo que os nossos sofrimentos foram quase iguais. Digo "quase", porque perdi mais entes queridos, em número.

Como foi? Impossível descrever o momento em que o grito de Mary me feriu os ouvidos. Depois foi a queda do carro. Lutei para controlar o volante, mas todo o meu esforço foi infrutífero. A ribanceira estava renteando com os pneus. E naquele desabamento do veículo, notei que, por dentro de mim, as dificuldades se ampliavam. O desejo de socorrer a companheira era muito grande, entretanto, notava que o meu corpo parecia um instrumento, cujas cordas se arrebentavam. Pensei na oração, mas concluí que o meu tempo estava esgotado. Procurei minhas forças, sem encontrá-las. Lembro-me dos primeiros socorros. Ouvia vozes, mas não conseguia entendê-las.

Os meus conflitos continuavam. A cabeça estava anulada porque não sentia a noção de rumo. Não sei se me demorei naquele pobre corpo contundido e estragado por muitas horas. Mantinha somente a vaga idéia de que estava sendo assistido. Minha canseira era grande e a lembrança dos pais queridos, da irmã e da Mary me dominava.

Chegou o momento em que a ansiedade mais profunda me tocou o coração. Os olhos se cobriram de uma névoa espessa e lobriguei o vulto de uma

senhora que me abraçava e me convidava a segui-la. Digo que lobriguei o vulto porque não dispunha de recursos para vê-la, de todo. O meu estado de angústia era grande demais para vacilar ante qualquer medida de auxílio. A senhora me enlaçou, qual se eu fosse uma criança e dormi. Julgo que o meu esforço fora muito grande embora os meus minutos fossem tão curtos e caí num torpor que não compreendi.

Mais tarde soube que eu estava sob a assistência de uma bisavó querida. Não me retornei tão depressa, como se poderá pensar. Prossegui inconsciente e depois de muitas horas pude acordar. A derrapagem estava em meu cérebro e Mary a partilhar-me daquela aflição se faziam vivas em meu pensamento. Acordei, na certeza de que estava deixando um pesadelo para trás, no entanto, conquanto as minhas cordas vocais estivessem adormecidas impedindo-me qualquer diálogo, escutei um enfermeiro que veio em meu socorro esclarecer-me que eu perdera o corpo físico.

Encontrava-me num aposento arejado e amplo e conservava a convicção de que me achava num instituto de tratamento para acidentados.

Ansiava saber de Mary, entretanto, o amigo me falava, sem aspereza e sem exigência, para logo me convencer de que toda a minha vida se transformara...

Chorei muito, à feição de um menino contrariado, mas o companheiro inesperado me advertiu que as minhas melhores teriam o tamanho de minha conformação. Comecei a esforçar-me por aceitar o

acontecimento e, com poucos dias, pude retornar a falar e conversar. Penso que a ocorrência da morte do corpo está muito longe da compreensão dos que ficam na retaguarda. Agora estou encontrando o refazimento preciso. E com a proteção dos Amigos que me assistem, venho dizer-lhes que estou quase bem e estarei bem quando as saudades não me oprimirem o íntimo com tanta força.

Agradeço os auxílios que me enviam através das preces e espero que continuem a prestar-me esse auxílio. Peço a mesma proteção à Mary e mantenho a certeza de que meu equilíbrio total virá breve.

Pais queridos e querida irmã, não posso e nem devo chorar. Por isso, termino esta carta tão difícil de ser obtida num correio incerto qual o que conheço por aqui.

Rogo desculpas à Mary pela inexperiência com que procurei orientar o volante no momento em que prevalecia a minha desatenção e, reunindo a querida irmã e os queridos pais no meu carinho, ainda marcado de preocupações, afirmo-lhes que a minha família prossegue inalterável. Um abraço do filho saudoso e agradecido.

ADELMO

Adelmo Franco Thomé

ESCLARECIMENTOS:

Pais: Adelmo Thomé
Ivete Franco Thomé

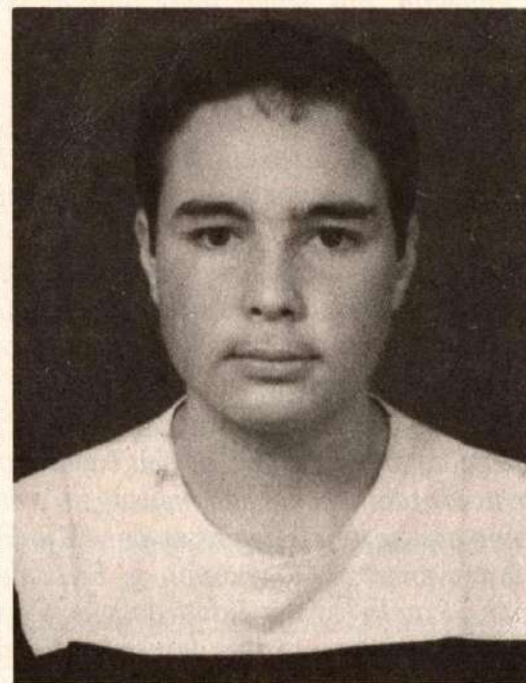
Endereço:.... Rua Porto Carrero, 741 - B°. Campestre
CEP 09070-240 - Santo André - SP

Irmã: Adilene Franco Thomé

Noiva: Mary Sanches Conte

MENSAGEM

*Não me suponham transformado no muro da indiferença.
Não é isso. É que estou aprendendo a amá-los com
pensamentos mais altos que nos induzem todos à precisa
renovação espiritual.*



LUÍS EDUARDO CACCIATORE

Nascimento: 05 de março de 1970

Desencarnação: 12 de abril de 1984